Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.33165

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA CRIANÇAS DE QUATRO ANOS DE IDADE

STORYTELLING AS A PEDAGOGICAL PRACTICE FOR FOUR-YEAR-OLD CHILDREN

Maria de Jesus de Oliveira de Brito[1]
Francisco Cardoso Mendonça[2]

RESUMO: Narrar histórias é um método educativo que pode melhorar as experiências literárias, culturais e expressivas de crianças pequenas na educação infantil. O presente trabalho tem por objetivo estudar como a contação de histórias pode beneficiar crianças de quatro anos de idade, especialmente a sua imaginação e a sua linguagem. A pesquisa é uma revisão narrativa de literatura construída com a leitura e condensação dos estudos acadêmicos identificáveis e documentos educacionais relacionados ao tema; discute pesquisas realizadas com crianças de quatro e cinco anos sem generalizá-las para todas as crianças ou contextos de idade. Os estudos pesquisados e analisados mostram que a contação interativa e a leitura literária podem favorecer a mobilização de recursos simbólicos, a elaboração de sentidos, a expressão de impressões e a relação entre narrativas e experiências cotidianas das crianças e sua elevação: não significa dizer que a contação produz efeitos automáticos e igualitário a todas as crianças, pois possibilidades educativas estão relacionadas à qualidade das obras, à intencionalidade pedagógica, à escuta e à abertura à participação infantil. Essas experiências permitem o contato com diferentes obras literárias, estimulando a criatividade e a construção de novas possibilidades, com a participação ativa e a mediação do professor. Portanto, a contação de histórias pode ser incluída no planejamento da Educação Infantil como uma experiência estética, cultural e linguística, em vez de ser apenas um meio pra transmitir conteúdo ou manter o grupo atento.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação Infantil. Literatura infantil. Imaginação. Mediação docente.

ABSTRACT: This study examines storytelling as an educational method that can enhance the literary, cultural and expressive experiences of young children in early childhood education. The present work aims to study how storytelling can benefit four-year-old children, especially their imagination and language. The research is a narrative literature review built from the reading and synthesis of identifiable academic studies and educational documents related to the topic; it discusses research carried out with four- and five-year-old children without generalizing it to all children or age contexts. The studies surveyed and analyzed show that interactive storytelling and literary reading can foster the mobilization of symbolic resources, the construction of meaning, the expression of impressions, and the relationship between narratives and children's everyday experiences. This does not mean that storytelling produces automatic and uniform effects for all children, since educational possibilities are related to the quality of the works, to pedagogical intentionality, to listening, and to openness to children's participation. These experiences allow contact with different literary works, stimulating creativity and the construction of new possibilities, with the active participation and mediation of the teacher. Therefore, storytelling can be included in early childhood education planning as an aesthetic, cultural and linguistic experience, rather than merely a means of transmitting content or keeping the group attentive.

[1] Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Ensino e Pesquisa do Planalto Central – Faculdade Mauá GO.

[2] Orientador. Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (1999); graduação em Pedagogia pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (2010); e mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Gama Filho (2013). Docente do Instituto de Ensino e Pesquisa do Planalto Central – Faculdade Mauá GO.

Keywords: Storytelling. Early childhood education. Children's literature. Imagination. Teacher mediation.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é uma etapa em que as crianças ampliam suas experiências de convivência, interação social, comunicação, brincadeira e participação em manifestações culturais. Nesse contexto, os livros e as narrativas podem oferecer oportunidades para as crianças ouvirem, observarem, formularem hipóteses, expressarem sentimentos e construírem interpretações. A contação de histórias, quando planejada com sensibilidade e intencionalidade pedagógica, pode integrar essas experiências ao cotidiano educativo, sem tornar ou limitar a literatura a uma simples atividade de perguntas e respostas.

A relevância dessa prática não depende apenas da habilidade de quem narra. A escolha da obra, a forma de apresentação, a organização do ambiente, o tempo destinado à escuta e as oportunidades para que as crianças comentem ou relacionem a narrativa às próprias vivências também fazem parte da experiência literária. A mediação do adulto pode favorecer a curiosidade e a construção de sentidos, respeitando as diferentes formas de participação infantil.

Estudos brasileiros investigam a contação de histórias com crianças pequenas. Peres, Naves e Borges (2018), por exemplo, analisaram episódios interativos da contação de histórias em uma biblioteca escolar da Educação Infantil, com 18 crianças de quatro e cinco anos e uma professora. Os resultados destacam a utilização de recursos simbólicos pelas crianças durante as interações e as relações estabelecidas entre as narrativas e suas experiências. Botelho e Goulart (2020), por sua vez, investigaram as impressões de crianças de quatro e cinco anos diante de diferentes propostas de contato com narrativas: a contação de histórias realizada pela professora, a leitura de um livro e a leitura conjunta de um livro de imagens.

Esses estudos contribuem para a formulação do problema que orienta esta pesquisa: de que maneira a contação de histórias, como prática pedagógica, pode contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem de crianças de quatro anos na Educação Infantil, considerando aspectos como a imaginação, a linguagem, a interação, a expressão infantil e a mediação docente?

O objetivo geral consiste em analisar as possíveis contribuições da contação de histórias como prática pedagógica para a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças de quatro anos de idade na Educação Infantil. Como objetivos específicos, busca-se compreender as relações entre a literatura infantil, a contação de histórias e as experiências de aprendizagem e

desenvolvimento na infância; identificar e analisar possíveis contribuições para a imaginação, a linguagem, a interação social e a expressão infantil; e discutir a importância da mediação docente, considerando a escolha das narrativas, a intencionalidade pedagógica e as oportunidades de participação das crianças.

Para a elaboração deste trabalho, foram consultadas publicações acadêmicas localizadas na SciELO, no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES, além de documentos educacionais relacionados ao tema. A seleção priorizou estudos com identificação de referências verificáveis e análises acadêmicas em relação à contação de histórias e à Educação Infantil. Foram considerados especialmente os trabalhos que envolveram crianças de quatro anos e algumas de cinco anos de idade, como os de Peres, Naves e Borges (2018) e Botelho e Goulart (2020). Estudos com participantes de outras faixas etárias foram considerados apenas quando pertinentes à discussão complementar, sem transferir ou interferir automaticamente nos resultados para crianças de quatro anos. Como se trata de uma revisão narrativa, não foi objetivo realizar uma busca abrangente da literatura científica nem obter dados diretamente de crianças ou professores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Literatura infantil e experiência na infância

A literatura infantil pode aproximar a criança de diferentes tipos de linguagem, personagens, conflitos, ritmos, imagens e modos de imaginar o mundo. O encontro com uma obra literária não deve ter apenas como objetivo ensinar uma lição moral ou transmitir conteúdo curricular. A experiência estética também é importante, assim como a curiosidade e a possibilidade de produzir sentidos, que são outros aspectos importantes. Cabe ao professor criar condições para que o livro seja conhecido, apreciado e compartilhado sem determinar uma única interpretação correta para todas as crianças.

Abramovich (1997) lembra que a criança encontra literatura em muitas formas: desde ouvir histórias, olhar imagens e ler textos que fazem com que se emocione, chore e imagine cenas de fantasia. Assim, ela percebe que não é só decodificar escrita que temos experiência literária: escuta, imagem, ritmo também respondem afetivamente. Coelho (2000), ao falar sobre natureza e abordagem da literatura infantil, ajuda a reafirmar a importância de conhecer a obra e pensar criticamente sobre sua presença na escola.

A literatura deve ser então vista como uma linguagem artística e cultural, não apenas um recurso para ensinar conteúdos de outras áreas. A escolha dos livros tem que levar em conta a qualidade do texto e das ilustrações, a variedade de experiências representadas e as possibilidades de leitura que o livro dá ao grupo.

Na Educação Infantil, o contato com livros pode ser por meio da leitura em voz alta, exploração de imagens, contação oral e momentos em que as crianças retomam passagens ou comentam o que chamou sua atenção. São práticas próximas, mas não idênticas: na leitura, a presença do livro e do texto escrito está no centro; na contação oral, a voz, corpo, memória e interação podem ganhar mais destaque. Ambas são valiosas desde que escolhidas respeitando a obra e vivência das crianças.

2.2 Contação de histórias e imaginação

A fantasia das crianças não deve ser entendida como algo isolado da vida cotidiana. As crianças podem mobilizar experiências, palavras, imagens e sentimentos para dar novos sentidos às narrativas. O estudo de Peres et al. (2018) é especialmente pertinente ao tema porque investiga crianças de quatro e cinco anos em situações reais de contação. As autoras apontam a importância da interação e das referências às próprias experiências nas mobilizações de recursos simbólicos.

Essa interpretação está em diálogo com Ferreira de Moura (2014), para quem a imaginação criadora está ligada às experiências vividas e à possibilidade de recombiná-las. Na educação, essa contribuição teórica não deve ser usada para atribuir etapas rígidas ou efeitos automáticos a crianças de certa idade; ajuda antes a pensar como experiências culturais e interações podem alimentar a criação e a produção de sentidos.

Este resultado significa que a participação infantil deve ser considerada parte da experiência, não uma interrupção que deve ser evitada. Comentários, perguntas, associações e reações podem revelar como as crianças estão lidando com a história. Não quer dizer que o professor tenha que interromper continuamente a narrativa; quer dizer apenas que ele pode equilibrar a continuidade da obra com oportunidade adequada de escuta e participação.

2.3 Linguagem, interação e expressão

Ouvir histórias expõe as crianças a palavras, estruturas narrativas, diálogos, repetições e diferentes formas de organizar acontecimentos. Conversar sobre uma história pode oferecer

oportunidades para nomear personagens, reconstruir sequências, explicar preferências ou ouvir interpretações diversas. Essas possibilidades não devem ser confundidas com garantia de avanço linguístico igual para todas as crianças e sua aprendizagem, pois tudo ocorre de forma e em trajetórias individuais e depende de múltiplas experiências.

Peres et al. (2018) estudaram a narração de histórias e suas contribuições para a interação e o desenvolvimento da linguagem em classes do primeiro ano do Ensino Fundamental. Apesar de este estudo ser interessante para discutir a relação da narrativa, da participação e da linguagem, ele não corresponde diretamente à faixa etária escolar das crianças de quatro anos e, por isso, é usado aqui apenas como referência complementar, sem muita ênfase e sem transferir automaticamente suas conclusões para a Educação Infantil.

2.4 O papel do professor na mediação

O papel do professor na mediação é selecionar obras apropriadas, que sejam literariamente envolventes, além de criar um ambiente favorável para a escuta, introduzir o livro de maneira atenciosa, promover a interação e ouvir as reações das crianças. A expressividade da voz, os gestos e recursos visuais podem ajudar a contar, mas não substituem a qualidade da obra nem devem transformar toda contação em espetáculo; também é preciso observar quando as crianças querem falar, quando estão concentradas e quando é melhor retomar a narrativa.

Sisto (2012) vê a arte de contar histórias como uma prática que une e junta palavra, oralidade e o encontro entre pessoas. Nesta contribuição, é enfatizada a importância da preparação do contador, mas isso não quer dizer que haja uma só forma correta de contá-la: voz, gestos e ritmo devem servir à narrativa e à escuta do grupo, deixando espaço para cada criança imaginar e interpretar.

Miranda e Silva (2019), ao analisarem a prática de contar histórias por educadoras da Educação Infantil, discutem ideias e métodos para integrar literatura no dia a dia escolar. O estudo evidencia que têm de ser levadas em consideração as escolhas e a intencionalidade docente sem supor que exista uma técnica ideal para todas as turmas: a prática deve dialogar com o grupo, com os objetivos pedagógicos e com respeito à literatura como linguagem artística.

2.5 Contação de histórias com crianças de quatro anos

Aos quatro anos de idade, as crianças podem demonstrar interesse por personagens, repetições, imagens, situações engraçadas, conflitos e desfechos. Mas não se deve esperar que todas tenham a mesma capacidade de ficar sentadas, ouvindo e respondendo a perguntas ou verbalizando suas impressões; as crianças podem participar com gestos, expressões faciais marcantes, brincadeiras e, posteriormente, com desenhos e comentários espontâneos.

Botelho e Goulart (2020) compararam três propostas distintas de contato com narrativas: a professora contando uma história, ler um livro e fazer leitura conjunta de um livro de imagens. A pesquisa coloca em evidência as impressões que essas crianças têm durante a contação e a interação das crianças entre si, assim como a leitura literária, a narrativa e a afetividade que estão relacionadas entre si. Por tratar de crianças de quatro e cinco anos, está diretamente ligada ao tema deste trabalho, mas foi realizada em um contexto específico, não representando todas as realidades escolares.

Desta forma, a contação pode ser compreendida como uma prática que oferece e viabiliza oportunidades de imaginação, escuta, expressão e construção de sentidos, desde que haja planejamento e abertura à participação infantil. É importante, contudo, evitar afirmações absolutas, como dizer que determinada técnica sempre melhora a atenção ou que a contação, por si só, garante o desenvolvimento de habilidades específicas e, assim, não gerar expectativas desnecessárias.

2.6 Percurso metodológico da revisão narrativa

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão narrativa de literatura, de abordagem qualitativa e finalidade descritiva-analítica. Esse tipo de revisão permite discutir contribuições de estudos relacionados a um tema específico, articulando conceitos, contextos e resultados. Diferentemente de uma revisão sistemática, este trabalho não pretende apresentar uma busca exaustiva, protocolo registrado ou avaliação formal do risco de viés.

A seleção priorizou publicações com identificação bibliográfica verificável e relevância para a contação de histórias, a literatura infantil, a imaginação, a interação e a Educação Infantil. Receberam atenção especial os estudos que incluem crianças de quatro e cinco anos. Publicações com participantes de outras faixas etárias foram consideradas apenas quando contribuíam para a discussão de forma complementar, respeitando-se as diferenças entre os contextos investigados.

A análise foi organizada em quatro eixos: literatura e experiência infantil; imaginação e recursos simbólicos; linguagem, interação e expressão; e mediação docente. As contribuições dos estudos foram examinadas considerando seus objetivos, participantes e procedimentos, sem a realização de entrevistas, observações ou intervenções próprias com crianças.

Como limitação metodológica, esta revisão não pretende reunir toda a produção científica disponível sobre o tema. Assim, suas conclusões devem ser compreendidas como uma síntese narrativa das publicações selecionadas, e não como prova de relações causais ou garantia de resultados iguais em diferentes turmas.

2.7 Estudos diretamente relacionados à faixa etária

Entre os estudos analisados, Peres, Naves e Borges (2018) apresentam relação direta com o tema desta pesquisa, pois investigaram episódios de contação de histórias com 18 crianças de quatro e cinco anos e uma professora de biblioteca escolar da Educação Infantil. A pesquisa qualitativa utilizou observações e vídeo/gravações, seguidas de análises das interações. Os resultados indicaram que a contação interativa favoreceu o uso de recursos simbólicos quando as crianças relacionaram as narrativas às próprias experiências cotidianas.

Esse estudo permite compreender que a contação de histórias não se limita à escuta passiva. Durante a narrativa, as crianças podem estabelecer relações com suas vivências, memórias e sentimentos, participando da construção de sentidos. Contudo, essa pesquisa, por ter sido realizada em uma biblioteca escolar e em situações específicas, deve ter seus resultados considerados dentro desse contexto, sem generalizações para todas as turmas de Educação Infantil.

Botelho e Goulart (2020) também desenvolveram uma pesquisa com crianças de quatro e cinco anos da Educação Infantil, analisando suas impressões diante de diferentes propostas de contato com narrativas: a contação realizada pela professora, a leitura de um livro e a leitura conjunta de um livro de imagens. A pesquisa evidencia a possibilidade de explorar diferentes formas de aproximação com as histórias, respeitando as experiências e manifestações das crianças.

2.8 Linguagem e interação: possibilidades e limites

O contato com histórias oferece às crianças oportunidades de ouvir novas palavras, acompanhar diálogos, observar a sequência dos acontecimentos e expressar suas impressões

sobre personagens e situações. Durante essas experiências, comentários espontâneos, perguntas e conversas podem favorecer a interação e ampliar as possibilidades de expressão infantil.

Entretanto, a contação de histórias não deve ser transformada em uma atividade de verificação da compreensão, com perguntas fechadas após cada narrativa. É importante respeitar o envolvimento das crianças, permitir que observem as ilustrações e acolher suas manifestações, sem exigir que todas as crianças participem da mesma maneira ou apresentem respostas iguais.

2.9 Intencionalidade e mediação pedagógica

A mediação docente começa antes da contação de histórias, com a escolha de obras que apresentem qualidade literária e visual e sejam adequadas às experiências das crianças. Durante a narrativa, o professor pode utilizar a voz e os gestos para enriquecer a apresentação, respeitando o texto e permitindo que as crianças imaginem, interpretem e participem de diferentes maneiras. Após a história, podem ser oferecidas oportunidades para conversar, brincar, desenhar ou recontar a narrativa, de acordo com o interesse do grupo.

Miranda e Silva (2019), ao investigarem práticas de contação de histórias realizadas por professoras da Educação Infantil, discutem suas concepções e formas de inserir a literatura no cotidiano escolar. Essa contribuição permite compreender que a contação envolve escolhas e intencionalidade pedagógica, não se limitando ao domínio de técnicas de narração. O planejamento deve considerar as características do grupo e valorizar a literatura como experiência cultural e artística.

2.10 Síntese da discussão

Em conjunto, os estudos analisados indicam que a contação de histórias e a leitura literária podem ampliar as experiências culturais e expressivas das crianças. As pesquisas realizadas com crianças de quatro e cinco anos destacam a importância da interação, da afetividade, além das possibilidades de relacionar as narrativas às experiências cotidianas. Entretanto, os resultados devem ser considerados de acordo com os contextos investigados, sem generalizações ou afirmações de efeitos iguais para todas as crianças.

Vieira (2022) amplia essa discussão ao analisar as experiências narrativas de crianças pequenas em quatro instituições públicas de Educação Infantil do Distrito Federal. A pesquisa valoriza a participação e a autoria infantil, mostrando a importância de oferecer oportunidades

para que as crianças também falem e contem, recontem e criem histórias, expressando suas ideias e experiências.

Dessa forma, a contação de histórias pode integrar o planejamento pedagógico como uma experiência cultural, estética e de interação. Para isso, é importante diversificar as narrativas, respeitar as diferentes formas de participação e observar as manifestações das crianças, como comentários, perguntas, brincadeiras e recontos. A mediação docente deve favorecer essas experiências, sem reduzir a literatura a um instrumento de avaliação ou à transmissão de conteúdo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar as possíveis contribuições da contação de histórias como prática pedagógica para a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças de quatro anos de idade na Educação Infantil. Por meio da revisão narrativa, foi possível discutir como as experiências com histórias e literatura infantil podem se relacionar à imaginação, à linguagem, à interação, à expressão e à construção de sentidos na infância.

Os estudos analisados, especialmente os de Peres, Naves e Borges (2018) e Botelho e Goulart (2020), apresentam contribuições relevantes por envolverem crianças de quatro e cinco anos. As pesquisas destacam a importância da interação, das experiências cotidianas e das diferentes formas de contato com as narrativas. A análise também permitiu compreender que a participação infantil não se limita à escuta: pode ocorrer por meio de comentários, perguntas, gestos, expressões, brincadeiras e recontos.

Nesse sentido, a contação de histórias pode contribuir para ampliar as experiências culturais, imaginativas e expressivas das crianças, desde que seja realizada com intencionalidade docente, escolha cuidadosa das obras e mediação pedagógica que respeite a participação e os diferentes modos de expressão infantil. Também é importante que a literatura não seja reduzida a um instrumento para transmitir conteúdo e/ou avaliar a compreensão, mas sim valorizada como experiência estética, cultural e de interação.

Como contribuição para a prática pedagógica, destaca-se a importância de integrar a contação de histórias e a leitura literária à rotina da Educação Infantil, diversificar as formas de apresentar as narrativas, permitir releituras e acolher as manifestações das crianças. A observação atenta dessas manifestações pode auxiliar o professor a planejar novas experiências, considerando os interesses e as características do grupo. Por isso, reconhece-se que esta revisão

apresenta limitações, pois não abrange necessariamente toda a produção científica sobre o tema e não contempla dados de uma intervenção realizada diretamente com crianças. Além disso, os resultados dos estudos devem ser compreendidos considerando seus participantes e contextos específicos, sem generalizações. Pesquisas futuras poderão acompanhar práticas de contação de histórias em diferentes instituições de Educação Infantil, investigando as formas de participação das crianças e as possibilidades de mediação docente.

Pode-se concluir que a prática de contar histórias é uma estratégia pedagógica significativa na Educação Infantil. Isso é particularmente verdadeiro quando promove vivências de imaginação, linguagem, interação e expressão, respeitando as características únicas da infância e reconhecendo a criança como um agente ativo na construção de significados e em seu próprio desenvolvimento. Em vista disso, ressalto que esta revisão tem limitações, pois não é sistêmica, nem abrange necessariamente toda a produção sobre o tema e não traz dados de uma intervenção própria, mas foi prazeroso pesquisá-la e fazê-la.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BOTELHO, Melina Carvalho; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Leitura literária e contação de histórias em meio às impressões da leitura de crianças de 4 e 5 anos. A Cor das Letras, v. 21, n. 2, p. 99–114, 2020. DOI: https://doi.org/10.13102/cl.v21i2.5806.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise e didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

MOURA, Jónata Ferreira de. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Horizontes, v. 31, n. 1, 2013. Publicado em 2014. DOI: https://doi.org/10.24933/horizontes.v31i1.24.

MIRANDA, Maria Irene; SILVA, Valéria. A prática da contação de histórias por professoras da educação infantil. Ensino em Re-Vista, Uberlândia, v. 26, n. 3, p. 745–762, set./dez. 2019. DOI: https://doi.org/10.14393/ER-v26n3a2019-6.

PERES, Silvana Goulart; NAVES, Renata Magalhães; BORGES, Fabrícia Teixeira. Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias. Psicologia Escolar e Educacional, v. 22, n. 1, p. 151–161, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-3539201801387 7.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. Contação de histórias para, com e por crianças na escola da infância. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 31, n. 68, p. 103–116, 2022. DOI: https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n68.p103-116.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka; tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.